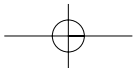
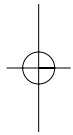
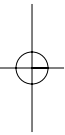
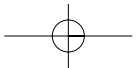
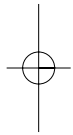
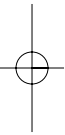




Celso Furtado em conferência no ISEB, 19 de setembro de 1959. / Crédito: Almeida/ Última Hora/ Arquivo Público Estado de S. Paulo.



DOSSIÊ CELSO FURTADO



ENTREVISTA A EDUARDO KUGELMAS

Amante de música clássica, Eduardo Kugelmas era de certa forma um homem-orquestra que exercia o raro dom de transitar com fina ironia e grande generosidade entre as diversas escolas da esquerda brasileira. Durante quatro horas, divididas em duas sessões de gravação, ele e Celso Furtado conversaram no salão de um hotel em São Paulo, em junho de 1993, sobre uma gama de temas, como os problemas econômicos do País, o fim da Guerra Fria, mas não das utopias, as questões ecológicas, Euclides da Cunha, o Nordeste e a política regional, a tibieza do governantes e as desesperanças do povo.

Naquele momento, fazia seis meses que Itamar Franco era o presidente do Brasil, depois do desgastante processo de *impeachment* de Fernando Collor. O País enfrentava uma grave crise econômica, a inflação em disparada atingiria no ano mais de 2000%, e prosseguia, embora em ritmo menos acelerado, o processo de privatização iniciado por Collor. Um ano antes, Celso Furtado lançara o livro *Brasil: a construção interrompida*,* em que alertava para o perigo da sobrevivência do País como entidade política se a lógica da internacionalização prevalecesse em detrimento do mercado interno que sempre alavancara o desenvolvimento brasileiro. Esse pequeno livro, e a trilogia autobiográfica de Celso Furtado, serviram de fio condutor da conversa.** Eduardo Kugelmas formou-se em direito pela faculdade do Largo São Francisco e em ciências sociais pela Universidade de São Paulo, onde iniciou sua carreira acadêmica no núcleo de pesquisa e ensino que constituiu a célula *mater* do atual departamento de ciência política da USP. Entre 1970 e 1973, exilado no Chile, fez um curso de pós-

* *Brasil, a construção interrompida*, de Celso Furtado, São Paulo, Paz e Terra, 1992. (N. E.)

** Ver, de Celso Furtado, *A fantasia organizada* (1985), *A fantasia desfeita* (1989) e *Os ares do mundo* (1992), os três títulos publicados pela editora Paz e Terra, São Paulo. (N. E.)

graduação na Escola Latinoamericana para graduados em economia. Num segundo exílio, na França, estudou de perto a produção dos *Annales* e dos historiadores ingleses – um convívio que impulsionou sua trajetória de historiador da formação política e econômica brasileira. Sua tese de doutorado na USP, “A difícil hegemonia. Um estudo sobre São Paulo na Primeira República”, é a síntese dessa abrangente formação intelectual. Participou ativamente da Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), ajudou a consolidar o Grupo de Estudos sobre Democracia, no Instituto de Estudos Avançados da USP, e dirigiu a área de política e economia da Associação Brasileira de Ciência Política.

Celso Furtado: Hoje em dia vivemos em uma época marcada por perda total de rumo. Houve época em que existia uma utopia, o homem da civilização ocidental viveu sempre agarrado em alguma utopia, com a ideia de que o futuro pertence a um ser superior. Os gregos tinham uma ideia de futuro bem pessimista, consideravam que o passado é que era importante, e os mitos estavam no passado. A civilização ocidental é marcada por isso tudo, e a própria ideia de providência, que está no pensamento de todo cristão, liga-se a isso. Acontece que pela primeira vez nos encontramos diante de uma espécie de vazio. O futuro é um buraco negro que resulta, a meu ver, essencialmente do caminho que tomaram a ciência e a tecnologia. A ação do homem sobre o planeta, embora baseada no conhecimento científico, mudou a interpretação do mesmo planeta e levou a essa situação gravíssima de destruição da base de recursos naturais, à camada de ozônio, a toda a tragédia ecológica. Tudo isso nos leva hoje a uma situação de pessimismo, de incerteza com respeito ao futuro.

Eduardo Kugelmas. Quanto isso tem a ver com o fim da utopia socialista, mais especificamente com o fim do mundo soviético?

CF. Bem, é que a confrontação com a União Soviética foi algo muito artificial, como se pode ver, primeiro porque a União Soviética não dispunha de meios para fazer o que fez – tomou um caminho errado, que era feito de ilusão e levou a uma forma de dominação barata, de imposição ideológica, e mesmo de terror ideológico, pois quem saísse daquela linha ideológica estaria perdido. De toda forma, isso permitiu que se prolongasse por muito tempo a ideia de que o futuro, a segurança do Ocidente dependia dessa união entre os países ocidentais, confrontados com os da esfera soviética. Houve uma espécie de longo período

de estupidez, de não se enxergar o que estava passando no mundo, e foi isso que atrasou tanto a descoberta da tragédia ecológica. E quando se tomou conhecimento dela, já era muito tarde. Se tivéssemos tomado conhecimento desse quadro ecológico trinta anos antes poderíamos ter caminhado de outra forma.

EK. O senhor acha que é tão extensa assim essa tragédia ecológica? Que ela inviabiliza de alguma forma a utopia?

CF. Ela é a prova de que perdemos muito tempo, de que o homem tomou o caminho errado, de que a lógica do processo é autodestrutiva: você marcha cegamente para inviabilizar a vida no planeta.

EK. Será que a tecnologia de ponta, as pesquisas mais finas...

CF. Mas é que as forças não estão orientadas para isso. Dizia-se na minha época: a ciência vai resolver os problemas que ela mesma criou, a tecnologia vai resolver os problemas que ela mesma pode criar, como a poluição. Também se dizia que amanhã haveria combustíveis que não são poluentes. Hoje estamos percebendo que as forças que comandam a civilização vão numa direção destrutiva, e não é só a ciência, não. Por que se insiste em ter tantos poluentes, tanta queima de combustíveis nas cidades? Todo mundo sabe que isso é um dano tremendo que está se fazendo à própria população, mas se insiste nisso porque é a lógica do sistema. Então, essa compreensão que houve aqui [na conferência Eco-92] foi muito bonita porque é a primeira vez que a humanidade se reúne para decidir sobre o seu futuro, que estava sob ameaça, mas veja que as grandes potências não se comprometeram, o sistema político não se comprometeu.

EK. Depois da reunião não teve nenhum carro a menos saindo nas ruas.

CF. A reunião foi, de verdade, uma tomada de consciência da sociedade civil, e mostra que existem manifestações nesse sentido. Mas as forças políticas que mandam no mundo continuam a jogar cegamente na questão do crescimento. Veja a angústia que há hoje em dia porque o mundo está parado, não está crescendo, como se fosse preciso crescer. A margem de desperdício que se tem no mundo é tão fantástica, na Europa, nos Estados Unidos, que você poderia perfeitamente imaginar um mundo sem crescer, mas que melhorasse sempre, realocando recursos, ou seja, com o sistema econômico funcionando em outra direção. O objetivo não deveria ser o crescimento e sim a qualidade de vida. Mas não se consegue isso de nenhuma maneira, as forças todas pressionam no sentido de manter uma taxa alta de crescimento, 3%, 4%, 5%. Isso, na escala mundial

de hoje, primeiro leva a agravar a concentração de renda e riqueza no mundo; segundo, leva à depredação do planeta. Mas não se tem nenhuma força política hoje em dia que queira barrar isso.

EK. Tudo bem, mas o senhor não acha que dentro desse fenômeno universal existe um subfenômeno, ou pelo menos uma parte dele, que é muito caracteristicamente brasileiro? No sentido de que quando uma pessoa nasce num país feito, já construído, não precisa ter expectativas de futuro tão acentuadas quanto quem está em um país em construção. E sendo um país como o Brasil, tão grande – basta olhar o mapa –, populoso, com tanta coisa para fazer, mais que outros países na mesma condição, sempre houve essa expectativa de futuro, essa expectativa de que temos que fazer e vamos fazer, o que sempre foi um componente muito importante no Brasil. O que acha?

CF. Bem, acho que você está se referindo a uma certa fase da história do Brasil. Porque o Brasil até o começo do século XX era dominado por uma visão pessimista sobre o País, com toda aquela ideia marcada pela questão da raça inferior, dos subalternos. Silvio Romero, e mesmo Oliveira Vianna, que conheci pessoalmente, toda essa gente afirmava que o clima era inadequado, que o Brasil não tinha combustível líquido, que a mestiçagem degenerava a raça. E aí, veja que estranha coisa são *Os Sertões*, de Euclides da Cunha: é um livro que se baseou em erros completos e chegou a uma coisa muito bonita sobre o Brasil. Euclides foi levado a ter uma visão positiva do Brasil, mas, com todos os ingredientes...

EK. É verdade. Fazendo aqui um parêntese na sua exposição, esse livro me lembra outro paradoxo. É que Euclides parte de uma visão totalmente preconceituosa das pessoas, mas com um objetivo correto, que é, no fundo, o de dizer: essa gente não pode ser tratada da maneira como vocês estão querendo tratar, não estão traindo a pátria, não estão querendo investir contra a República, não é saudosismo, eles são o que são! Quer dizer, apesar de as premissas serem preconceituosas, a finalidade era positiva.

CF. Era positiva, e ele termina dizendo que “o sertanejo é um forte”, frase que ficou famosa. E ele realmente faz um quadro correto, com elementos todos errados, porque tinha a intuição de que o Brasil era uma força. O livro é positivo sobre o Brasil, não é um livro negativo. E toda a ciência da época era contra isso.

EK. Quando é que começa então a expectativa de futuro?

CF. Bem, começou um pouco com a antropologia. Gilberto Freyre trouxe

Boas dos Estados Unidos, saiu daquela ciência europeia da época, que falava de raça, clima. Trouxe outra visão do homem, antropológica e, portanto, cultural. Precisa-se saber o que é uma cultura, entender o que é a cultura para poder entender o homem. E Gilberto contribuiu muito para que se tivesse uma visão positiva do brasileiro. Porque a cultura brasileira tem valores, e a verdade é que essa cultura brasileira permitiu que surgisse a primeira grande civilização tropical. Mas antes eles partiam do princípio de que o trópico era negativo. Indubitavelmente, na minha geração Gilberto representou uma mudança muito grande, porque antes o que era positivo sobre o Brasil era aquela coisa pouco consistente, tipo Alberto Torres, com pouca base científica, era uma coisa mais sentimental. E todos os estudos que prevaleciam na época eram negativos. Quando os europeus chegavam aqui e viam a quantidade de mosquitos, de insetos em geral, diziam que isso não era lugar para o homem, e tudo levava um pouco a essa conclusão. É certo que havia também o eurocentrismo, com a Europa criando uma ciência para dominar o mundo, e nos consideravam da mesma forma que consideravam os “amarelos”, os asiáticos, como raça inferior. Portanto, éramos vítimas de um colonialismo cultural absoluto, que predominou no Brasil.

EK. O modernismo tem uma certa influência nessa virada, não tem?

CF. Tem. Pode-se dizer que o modernismo, em um plano completamente diferente, é também uma espécie de sucessor, uma tentativa de quebrar essas cadeias, de se sair dessa opressão, de se afirmar com valores próprios. Já havia muita coisa nesse sentido, mas me recordo que a visão do Brasil era muito pessimista, e a realidade brasileira era muito pobre. Eu estava lendo hoje no meu livro *A fantasia organizada* um trecho que eu gostaria de ler para você para ver o que é que se pensava. Isto aqui foi escrito em 1947: “verdadeira surpresa para mim foi descobrir o atraso brasileiro dentro da América Latina”.

EK. Eu trouxe anotado este trecho, também quero comentar com o senhor.

CF. Sim, claro. Eu digo: “fizemos uma estimativa da oferta de produtos manufaturados (produção e importação) referente a 1939 [que era o ano do censo], e os dados que obtivemos mostravam que a disponibilidade de tais bens por habitante, no Brasil, correspondia a 26% daquela da Argentina, e a 36% daquela do Chile”. O Brasil era muito pobre, muito atrasado.

EK. O engraçado é que o senhor chegou a essa conclusão ao chegar ao Chile, ao ver o Brasil de fora, mas de dentro o Brasil lhe parecia melhor.

CF. De dentro eu não enxergava que fosse tão ruim. Nessa época eu já tinha estado na Europa. Que a Europa fosse mais rica que o Brasil, está certo, a Europa era a Europa, mas o que me chocou foi descobrir que os nossos vizinhos da América Latina estavam muito à frente. A produção de cimento da Argentina era três vezes a do Brasil, cimento, que é tão essencial! O Brasil era muito atrasado. O extraordinário é que tivéssemos tomado conhecimento disso tão tardiamente, mas que ao tomarmos o Brasil já estivesse em transformação. E nesses 30 anos que decorreram desde então o Brasil deu um salto tão tremendo que poucos países do mundo deram, com um desenvolvimento material muito forte. Isso porque nos anos 1950, 60, 70, ou seja, nesses 30 anos, a produção brasileira multiplicou oito vezes, a renda *per capita* do País passou a crescer em torno de 7% ao ano, o que significa que duplicava a cada dez anos. E isso fez com que a situação do Brasil na América Latina mudasse completamente, e que o País, que era 1/3 da Argentina em certos itens, passasse a ser três vezes mais. Nós somos de uma geração que não só se livrou dos preconceitos negativos que havia sobre o Brasil com relação ao clima e à raça, mas também teve a consciência de que o País estava numa rápida transformação e que éramos as fronteiras do progresso no mundo. Quem viveu esses anos viveu isso, o que não deixa de ser uma experiência extraordinária. E depois, tudo isso se interrompe, nos anos 1980, e hoje isso é ainda mais forte pelo contraste extraordinário que se observa com relação a períodos anteriores.

EK. Isso que eu estou chamando de colapso da esperança – não sei se o senhor concorda em que há hoje um colapso da esperança – será um reflexo do colapso da governabilidade?

CF. É uma consequência. Primeiro, você tem esse fenômeno de que a civilização global está em crise. A civilização europeia e a norte-americana, particularmente, não a japonesa, não a oriental em geral. Ora, tudo o que nós lemos, tudo de que nos alimentamos, a cultura, a literatura, vem desse mundo que está em crise. Há uma crise séria nos Estados Unidos. Pesa muito o fato de que somos parte de um sistema global em crise. Segundo, a deslocação que existe na economia ocidental, com a transnacionalização do sistema econômico, afeta particularmente um país como o Brasil, que é um país ainda em construção, um país em que as coisas ainda estão se arrumando, a casa ainda está se arrumando. Então, é grave o que está se passando nos Estados Unidos, mas muito mais grave o que está se passando aqui. A nossa crise é muito parecida com a dos americanos, mas um pouco diferente do que aconteceu na Europa.

EK. Em que sentido?

CF. No sentido de que os Estados Unidos também eram uma civilização nova, em formação, se fundindo. O que vemos é que lá não caldeia mais. Eles perderam a ideia que tínhamos de que aquilo era um *melting pot*. Hoje, nos Estados Unidos, um turco quer ser turco, um japonês quer ser japonês. O processo da civilização cultural interna agora se perdeu, o processo de formação cultural parou. Não há nenhuma esperança de que por esse lado os Estados Unidos possam resolver seus problemas. Aqui tem-se o mesmo fenômeno, só que muito mais rápido, porque o País é demasiado heterogêneo nacionalmente. Os Estados Unidos eram bastante heterogêneos há 50 anos. O Brasil e os Estados Unidos conheceram, a partir dos anos 1930, um longo processo de homogeneização interna, de redução das disparidades internas, e isso consolida muito a unidade nacional. Mas hoje em dia isso também está parado lá, só que num estágio de homogeneização muito mais avançado que o nosso.

Para mim, as duas mudanças fundamentais no Brasil são, primeiro, essa que eu disse de tomarmos consciência de um grande desenvolvimento interno, de o País ter enfrentado os problemas de seu desenvolvimento. E, em segundo lugar, o Brasil ter enfrentado nesse período os problemas de suas desigualdades internas. Participei disso no Nordeste. Tenha em conta que, desde o início do século XX até aqueles anos da Sudene, a desigualdade econômica existente entre o Nordeste e o resto do Brasil vinha aumentando permanentemente, o Nordeste tinha perdido terreno em tudo. O Brasil se fazia com fortes concentrações geográficas de renda. No momento em que se criou um só mercado e se desmantelou o mercado do Nordeste, ele não teve capacidade de resistência frente ao Sul. Quando cheguei lá para criar a Sudene, toda a indústria têxtil do Nordeste estava se acabando. Portanto, até a primeira metade do século XX presenciamos um processo de agravamento das desigualdades internas no Brasil. E isso era uma ameaça grande para o País, como eu disse no livro *Formação econômica do Brasil*, se o desenvolvimento continuasse a se fazer com desigualdades crescentes, este País não teria futuro.

EK. O senhor acha que esse problema diminuiu nestes 30 anos?

CF. Nesses 30 anos, sim, porque houve um projeto para diminuir, com incentivos fiscais, por exemplo. O resto do Brasil tomou consciência da coisa e cooperou para que se reduzisse isso. A Sudene começa em 1958, mas os efeitos só surgem a partir dos anos 1960, e daí em diante, durante 20 anos o Nordeste

creceu mais que o Centro-Sul do Brasil. A solução desse problema estava sendo encaminhada, estava diminuindo esse foco de tensão. Sou de uma geração que, por um lado, viu o Brasil despertar para assumir essa vanguarda do desenvolvimento mundial da América Latina, do Terceiro Mundo. Depois, por outro lado, vi o Brasil enfrentar o seu maior problema, que era a desigualdade interna regional, geográfica. Fui um pouco o responsável pelo fato de o Nordeste começar seu desenvolvimento com projeto próprio, com seu quadro institucional. Posso dizer que foi uma época muito positiva e que, portanto, era natural que houvesse um élan, uma confiança no País muito grande. Eu me recordo de que nos Estados Unidos uma das críticas que faziam a meu livro *Formação econômica do Brasil* era que ele transpirava demasiado otimismo, como se isso fosse uma coisa grave. Mas não se vê em muitas partes do mundo essa confiança em seu país! Você consegue explicar a lógica disso? De que tudo dava certo no Brasil, em benefício do mercado interno? Eles ficavam admirados, mas isso é que marcava a mentalidade brasileira naquele período. Agora, vemos, por um lado, que o Brasil passa a crescer menos do que os outros países do Terceiro Mundo, a perder distância, e, por outro, que os problemas internos começam a se agravar, pois parou o crescimento ali onde a pobreza é maior. E a verdade é que o Nordeste nos últimos anos, nos anos 1980, andou para trás.

EK. Mais do que o País?

CF. Mais do que o País. Durante 20 anos ele creceu mais que o resto do Brasil, mas, perdeu um pouquinho disso nos anos 1980, as estatísticas da Sudene estão aí.

EK. Mas por que esse quadro teria se modificado de maneira tão radical? Como explicar isso?

CF. O Nordeste crescia à medida que havia incentivos fiscais. O crescimento do Nordeste foi em grande parte financiado com recursos do Brasil, do Sul do Brasil. Agora, como a indústria no Sul do Brasil deixou de ganhar, como se reduziu a rentabilidade econômica no Sul, os recursos para incentivos também diminuiriam. Como o mercado do Sul era o grande mercado, o mercado dinâmico que absorveu o Nordeste, o Nordeste ia ganhando com esse intercâmbio. Mas à medida que o grande mercado do sul perdeu élan, o Nordeste também perdeu, e agora está buscando mercado fora do Brasil, com esse esforço tremendo para entrar nas plataformas de exportação, como se vê lá no Ceará.

EK. O senhor acha que a Sudene ainda tem um papel hoje? Ainda faz sentido?

CF. Bem, o problema do Nordeste continua a existir, se não for a Sudene vai ser outra instituição, porque as desigualdades internas do Brasil são muito grandes ainda. A Sudene reduziu isso durante 20 anos, mas depois essas desigualdades voltaram a crescer. Em segundo lugar, se não houver uma atitude, uma política de discriminação a favor do Nordeste, ele não se sustenta. A tendência é as águas correrem para o mar, quer dizer, os bons negócios são feitos no Sul. Se não houver um estímulo para se investir no Nordeste, o próprio capital nordestino vai investir no Sul, onde há mais possibilidades. Não se mantém um País heterogêneo como o Brasil sem uma política regional. Mesmo nos Estados Unidos houve uma política deliberada de apoio às regiões atrasadas, agora você pode imaginar no Brasil. Não há dúvida nenhuma de que para o Brasil manter sua unidade, manter-se como um sistema integrado, deverá ter políticas que atendam aos problemas regionais, às desigualdades regionais. O Nordeste tem muitas possibilidades se houver investimento adequado, até no plano internacional.

EK. Agora, falando do Brasil em geral, não especificamente do Nordeste, isso que eu estou chamando de crise da esperança tem também a ver com a crise de soluções. O senhor foi um dos maiores protagonistas, produtores de ideias para o Brasil, e viveu em uma época em que isso fazia parte do debate nacional, tinha uma grande influência nos meios acadêmicos. Os projetos nacionais eram algo que fluíam naturalmente. Por que hoje há o colapso do projeto brasileiro?

CF. Há uma transformação global da economia mundial e, nesse quadro global, o Brasil não encontrou o seu lugar exato. A economia mundial vem sofrendo mutação, uma crescente transnacionalização. Assim, os sistemas de decisão já não são mais nacionais, são globais. As empresas operam mundialmente, a dinâmica do sistema agora é outra, a difusão da tecnologia se faz em escala mundial. Mas se nos deixamos levar por isso, como estamos nos deixando levar normalmente, teremos dificuldades enormes, porque os problemas do Brasil não serão resolvidos por esse sistema, por essa planetarização.

EK. Qual é a nossa alternativa?

CF. Isso foi o problema que coloquei em *Brasil, a construção interrompida*. Ou você completa a construção do Brasil e luta contra as desigualdades regionais etc., e tem um projeto próprio, ou o futuro do Brasil é muito incerto.

EK. O senhor cita sempre as desigualdades regionais como um problema fulcral. Ao seu ver este é o maior problema?

CF. Exato, é o essencial. No caso do Brasil você tem problemas agrários, problemas de miséria rural. Quando se pega o Nordeste se vê que ele tem um atraso muito grande com relação ao resto do Brasil. Imaginar que isso possa ir se agravando, tomar esse rumo vai gerar um foco de tensões. Na época em que o País estava crescendo globalmente e, portanto, podia haver transferência de recursos entre a população, isso amortecia muito a tensão. Tinha-se a mobilidade de mão de obra, o pessoal que saía do Nordeste e ia para a Amazônia, ou saía do centro do Brasil e vinha para cá. Isso aliviava muito a situação geral da população. Suponhamos que se interrompa isso, como se está interrompendo porque não há mais de mão de obra no Sul do Brasil. Aí vai aumentar a tensão no Nordeste.

{...}

O estilo de desenvolvimento que vai prevalecer no mundo hoje é um estilo de desenvolvimento que não cria emprego ou que cria pouco emprego direto. Veja o que está acontecendo na Europa ou nos Estados Unidos: o sistema industrial americano já há dez anos não cria emprego, o grosso dos empregos criados é no terciário, e na Europa é mais ou menos a mesma coisa. Numa situação como a do Brasil, à medida que se queira fazer da dinâmica externa, isto é, da integração internacional o motor do desenvolvimento do País, vai se criar também menos emprego. Ora, numa fase dessas, criando-se menos emprego no Brasil vamos ter problemas sociais crescentes, como já os tem a Europa. E olhe que ela pode manter 30 milhões de desempregados com subsídios. Imagine o que será no Brasil. O estilo de desenvolvimento que prevalece hoje em dia em escala mundial não contribui para a construção do Brasil.

EK. Mas dá para ter um estilo diferente?

CF. Para se contornar a dificuldade que isso cria tem que haver um projeto político. Evidentemente, teremos de inventar formas de emprego no terciário, formas de distribuição de renda que faça com que essa tecnologia tão sofisticada não se traduza em uma concentração total de renda. E, para isso, teremos de politicamente enfrentar o problema que é criado, em parte, pela tecnologia. Só se tem uma maneira de reduzir as consequências negativas disso, que é através de um projeto político, que é o que nos falta.

EK. Por que é que isso nos falta?

CF. Começa porque hoje em dia prevalece em toda a parte uma espécie de cegueira, que vem de uma indigestão do liberalismo. Hoje, o mundo que é

liberal vai contra toda a presença do Estado. Acontece que em um país em construção como o nosso, o Estado é essencial. Se o Estado ainda é importante nos Estados Unidos, como eles estão redescobrimo agora, para enfrentar a concorrência japonesa e reduzir os problemas que têm, você pode imaginar no caso do Brasil. Estamos em uma época em que a ideologia dominante só nos cria problemas, não nos dá soluções. Na época passada, a do desenvolvimentismo, a ideologia dominante nos criava problemas também, mas nos dava soluções, fazia as duas coisas. Hoje em dia, se quisermos privilegiar a ideologia dominante, o liberalismo, a integração internacional, a indústria de ponta, a competitividade, enfim, vamos ter uma série de problemas que só podem ter solução política, solução essa que exige uma visão que não seja liberal.

EK. Esse não é o momento em que a descrença, ou pelo menos o ceticismo, mais alcançou o Brasil? Alguma vez em sua trajetória o senhor encontrou um momento tão forte de ceticismo?

CF. Esse é o maior porque o País está há dez anos, ou mais, parado, e isso nunca tinha acontecido no século XX. Na crise de 1929, que foi brutal, o PIB se reduziu por dois ou três anos, mas recuperou-se. Como mostrei em *Formação econômica do Brasil*, em 1935 nós já estávamos com um nível de investimento maior que em 1929, a economia brasileira crescia com suas forças próprias. O impressionante é que, no meio da crise, queimando café, o Brasil tinha se levantado.

EK. O senhor já viu alguma época em que a crise social fosse tão visível no sentido de que em cada esquina tem pobre pedindo esmola?

CF. Isso é completamente inédito porque é reflexo de uma crise que corresponde a uma sociedade ultra-urbanizada. No começo do século XX ou mesmo há 50 anos, digamos por volta de 1930, a população do Rio de Janeiro era muito menor e havia como que uma concentração de pequenas cidades dentro do Rio de Janeiro. Nos anos 1930, anos da crise, também havia uma visão muito pessimista porque se dizia que o Brasil tinha muito poucas chances. Quando eu era menino e ouvia meus tios conversarem, a possibilidade de arranjar emprego era muito rara, dependia-se muito de favores, tanta no emprego público quanto no privado. Fazer qualquer negócio era difícil, era difícil ter crédito para investir. Muitos parentes meus fizeram negócios e depois tudo veio abaixo, era um tal de desempregados de empresas grandes! Ao passo que na geração seguinte, a que pega a guerra e o pós-guerra, ninguém imaginava

que seu filho não tivesse uma chance, as possibilidades pareciam infinitas. Esse é um período da história nossa que não existia no passado.

EK. O senhor conheceu todos os presidentes com exceção dos generais...

CF. Alguns generais eu conheci. Conheci o Castelo.

EK. Em que circunstâncias o senhor conheceu o Castelo?

CF. O Castelo eu conheci antes de ser ele presidente, quando era comandante do 4º exército, eu até conto no livro como ele foi muito prestigiado por lá.

EK. Está certo. É importante a figura do presidente?

CF. No Brasil é muito importante, quer dizer, em qualquer país do mundo o presidencialismo é importante. O Clinton está enfrentando algumas dificuldades porque o presidente passou a ser muito mais importante nos Estados Unidos. No passado não era tanto, a administração americana andava sozinha, mas a partir da crise de 1929, com Roosevelt, o Estado passou a desempenhar um papel diferente nos Estados Unidos e a economia passou a depender, em grande parte, das iniciativas do Estado. E então houve uma mudança, o presidente passou a desempenhar um papel diferente, mas, ainda assim, o governo dos Estados Unidos tinha uma função muito pequena, exceto no que diz respeito à agricultura, e, no exterior, evidentemente à diplomacia e à segurança nacional.

EK. Mas o resto andava sozinho. Eu pergunto isso porque hoje em dia o noticiário político virou uma espécie de divã psicanalítico em que todo mundo fica analisando a cabeça do presidente. A nossa preocupação com os presidentes se tornou obsessiva.

CF. Aí há duas coisas a considerar. Primeiramente, a imprensa brasileira – como a norte-americana também e um pouco a europeia – é uma imprensa histórica, precisa de informação, de uma forma ou de outra. Em segundo lugar, este homem [o presidente Itamar Franco] é muito provinciano, ele se deixa envolver facilmente. Veja como fica preocupado com o que estão dizendo, de que custa muito caro o lugar onde está morando, aonde todo mundo quer ir.

EK. Mas vai virando mais ou menos uma regra, porque com o atual é essa a preocupação, com o anterior era a preocupação com a vida sexual, se ele era exibicionista. Acho que isso é mais ou menos universal, não é só no Brasil. E não é só também com relação aos presidentes. Margareth Thatcher, Felipe Gonzalez, todos são submetidos a um mesmo bombardeio.

CF. Isso acontece mais no presidencialismo, se bem que a imprensa inglesa também seja terrível nesse ponto de vista da vida pessoal. Tenho comigo que o

que acontece na Europa é que a vida política se empobreceu muito, o fato de que os países entraram nesse projeto de construção de uma civilização nova, que é a Comunidade Europeia, faz com que a atividade política nova seja pouco visível, não esteja ao alcance dos países. Fui embaixador em Bruxelas e pude ver que era lá que se resolviam as coisas, era tudo lá. Então, a vida política de países da comunidade, como a França, se esvaziou bastante, e aí a população tenta se agarrar em outras coisas menores.

EK. Nas suas análises, o seu método dá muita ênfase ao movimento social, à estrutura, e a pergunta que faço é a seguinte: a mentalidade do presidente, ou a psicologia do presidente, influi de uma maneira decisiva?

CF. Sabidamente, influi muito a psicologia presidencial. No caso do Brasil, a imprensa transforma um pouco o poder em espetáculo. Tudo o que acontece em Brasília tem que ser visto de modo teatral e isso modifica muito a ação do governo. Fora isso, em parte o Brasil entrou em uma fase de crise e a angústia generalizada faz com que o governo experimente certa ansiedade, como se pudesse sair dali algum milagre, como se o governo pudesse resolver esses problemas.

EK. E essa ansiedade é maior hoje do que foi no passado?

CF. Ah, sim. Mas também, nunca vivi uma crise tão prolongada.

EK. Voltando um pouco, uma observação que eu queria ter feito quando estávamos falando do Nordeste. Ao ler *A fantasia desfeita*, em que o senhor fez uma análise do Nordeste, que precede aos capítulos em que conta a sua experiência na Sudene, é espantoso ver como isso se parece com os dias atuais. Quando fala, por exemplo, da indústria da seca, da autorização da utilização do DNOCS para aquilo que se chama de utilização hídrica, para fins particulares, é tão espantoso que fico me perguntando: será que progrediu?

CF. É aí que os problemas que estavam praticamente fora da ordem do dia voltaram a ser cruciais. Fui seis anos responsável pela Sudene, gerenciando o problema do Nordeste. Naquele período chegamos a operar 60 empresas, porque tudo tinha que ser feito pelo Estado, não existia nada. Para ter sistema de armazenagem era preciso montar uma empresa estatal e depois passar para alguém, quer dizer, o Estado tinha de ter a iniciativa, ninguém queria entrar com coisa nenhuma, o dinheiro ia todo para o Sul do Brasil. Pois bem, em todos esses projetos que nós tínhamos com relação ao Nordeste nunca houve nenhum caso de denúncia de roubalheira, nenhum escândalo envolvendo uma dessas empresas.

EK. Será que não houve mesmo ou será que a vigilância era menor?

CF. Havia, sim, vigilância. Mas não passava na cabeça de ninguém que estivesse naquele sistema da Sudene fazer uma falcatrua, porque seria excluído, não conseguiria apoio interno dentro do órgão. Então, quem ia se meter num esquema desse tipo? Ninguém. Eu me lembro que só uma vez houve um caso interno lá no Maranhão, que eu mandei apurar para ver se não havia nenhuma desonestidade, e não era nada. Quer dizer, havia uma espécie de controle organizado espontaneamente.

EK. E será que isso se devia de certa forma ao entusiasmo, ao idealismo que havia ali, ou se devia ao governo?

CF. Havia o fato de que não existia politicagem. É porque a Sudene era uma causa, não era só uma repartição. Então, primeiro, não havia nenhum interesse político envolvido. Segundo, era tudo transparente. Como eram nove governadores, um olhava o outro, se houvesse um favor para um deles o outro logo reclamava. Eu tinha criado um sistema altamente transparente, digamos, que se autocontrolava; todas as reuniões com os governadores eram públicas, abertas, todos os processos eram publicados na imprensa. O resultado é que ou a pessoa compactuava com uma falcatrua muito bem escondida, que quando viesse à tona se tornaria um escândalo terrível, ou agia corretamente. Nunca houve escândalo, mas isso também se deve um pouco ao estilo da época.

EK. E em outros setores do governo que não fossem movidos por esse espírito que animava a Sudene, por exemplo, no Ministério da Viação, existia roubalheira?

CF. Existia, mas ali tinha espaço para a politicagem. Mas se você pegasse uma instituição como a empresa de energia elétrica lá no Nordeste, era algo administrado com uma seriedade muito grande. A Vale do Rio Doce também tinha a tradição de ser uma empresa pública séria, que vinha desde a época do Império. Para mim, o normal era isso.

EK. E como deixou de ser como era antes? Será que foi por causa do regime militar?

CF. Foi. Você só preserva a decência da coisa pública com um contrato de transparência, do contrário não vai. Ora, o regime militar fecha a transparência, corta a transparência de tudo, um pequeno roubo justifica outros, se você estiver num sistema corrupto é muito difícil evitar que a corrupção se propague.

EK. E na ditadura do Getúlio?

CF. Com Getúlio aconteceu uma coisa fantástica. A ditadura dele era uma ditadura da seriedade, só servia para isso. É evidente que na ditadura de Getúlio não havia um controle de imprensa como havia na ditadura militar, não se controlava tudo, o controle só se exercia em certas coisas, no mais, era aberto. Havia um controle por parte da própria sociedade. Se um governador brigasse com outro, saía na imprensa, não era tão fechado assim. Além disso, Getúlio era um indivíduo com a preocupação da seriedade. No serviço público havia concurso para tudo. Criou-se uma espécie de tecnocracia, evidentemente, esse é um aspecto do problema, há outros também. Tenho a impressão de que em uma sociedade muito pobre como era a do Brasil naquela época devia ser mais fácil controlar essas coisas.

EK. Era menos tentador também, não havia muito o que roubar.

CF. Havia o que roubar, a tentação talvez fosse muito maior, mas havia um respeito pela coisa pública, as pessoas levavam muito a sério isso.

EK. O fato é que no regime militar começa essa história, mas na redemocratização ela se intensifica. O que desandou na nossa redemocratização?

CF. O que aconteceu foi o seguinte: o regime militar permitiu o começo da corrupção no setor público, foi esse o começo de tudo. Mas então veio a ineficiência, a incompetência, o compadrio. E, aqui entre nós, isso se agravou muito porque no Brasil só se tem setor público, todos querem de certa forma trabalhar para o Estado, então todo mundo disputa a coisa pública. O regime militar fechou o processo de transparência e se iniciou um processo de apodrecimento, e simultaneamente um enriquecimento louco. Havia dinheiro para se fazer o que se quisesse e então toda uma geração foi contaminada. Fui ministro antes e depois da ditadura. Comparo esses períodos e para mim a diferença foi enorme. Quando fui ministro pela segunda vez, depois de 1985, o que me chamou a atenção foi a fragilidade do setor público, a qualidade das pessoas que ali trabalhavam, a impossibilidade de se fazer qualquer coisa, por falta de meios, e a desconfiança e a insegurança sobre o que estava acontecendo. Havia um temor enorme de que estivesse acontecendo alguma desonestidade e você não tivesse como saber.

EK. E aconteceu? No seu período no Ministério da Cultura aconteceu alguma irregularidade da qual o senhor tivesse conhecimento?

CF. Não aconteceu porque eu dava muita atenção a isso, gastava um tempo enorme com isso, qualquer coisinha que eu percebesse que pudesse deslizar para esse lado eu tratava de atalhar.

EK. Eu insisto na pergunta: por que nós ficamos tão cínicos?

CF. Houve uma degeneração do setor público, aquilo que antigamente só se conseguia através de métodos com certa transparência, passou a se conseguir por debaixo do pano.

EK. Mas, na redemocratização há transparência no sentido de que há vigilância da imprensa, do Congresso...

CF. Sim, mas, o sistema já estava corrompido, a qualidade do pessoal humano já era outra. Aquilo que se fez no passado na Sudene – um negócio daquele tamanho em que nunca houve escândalo – se deve ao fato de que o projeto virou quase uma espécie de religião, se deve ao respeito que havia, um amor por aquilo tudo. Eu vou lhe contar uma coisa, que já contei no livro. Fiquei um pouco chateado com o professor Gilberto Freyre, não sei se você se lembra.

EK. Do episódio das reuniões da Sudene?

CF. Exato. A verdade é que ele nunca quis se misturar, ficou fazendo um jogo próprio, e no final houve aquela história de dizer que tínhamos falsificado a assinatura dele. Foi uma coisa terrível para mim, era algum jogo da parte dele. Enviamos 100 assinaturas dele para São Paulo, para fazer perícia, e pude provar em um processo que a assinatura era dele, que ele tinha recebido o dinheiro. Dei, evidentemente, todas as chances para ele escapar e voltar atrás.

EK. Ele queria sabotar? Alguma coisa assim?

CF. A hipótese que existe no meu espírito é que ele, no fundo, queria provocar um escândalo para provar que a Sudene também roubava. É a única hipótese que vejo, porque havia tanta pressão contra a Sudene, tanta gente querendo destruí-la! Quando viu que eu tinha me cercado de todas as maneiras, recuou, mas nunca reconheceu que tinha mentido.

EK. Deixe eu mudar um pouquinho de assunto. Para o senhor, que a vida inteira se expôs tanto ao mundo, aos ares do mundo, expressão que lhe agrada, o que é que sempre foi ser brasileiro? O mundo era uma coisa que lhe provocava sentimentos de que tipo?

CF. Bem, tive muitas fases. Quando eu era adolescente, achava uma desvantagem ser brasileiro, comparando-se com o norte-americano e o europeu. Isso, sem nunca ter saído do Brasil. Quando entrei para o liceu, em João Pessoa, lendo, indo ao cinema, falando com pessoas que tinham viajado, descobri que o mundo era muito mais rico e que havia coisas extraordinárias fora do Brasil. Eu me recordo de falar com os amigos do liceu, até mesmo com um que vinha

de São Paulo, sobre isso. Uns diziam: até que no Brasil há muita coisa! Mas também diziam: o Brasil é isso mesmo, está vendo? Esse poste que você está vendo aí é importado, o Brasil não o fabrica aqui, o Brasil só tem cana, café. Ou seja, o Brasil não era nada, era um atraso. E eu pensava: você nasceu num País tão atrasado, o que vai fazer aqui? Isso foi na minha adolescência, que eu vivi no Nordeste, num local pobre, nos anos 1930. Eu tinha uma ideia do Brasil um pouco pobre, às vezes sentia vontade de ir embora, de viajar, de escapar pelo mundo. Depois houve aquele fantástico período de transformação do Brasil que eu vivi.

EK. A primeira vez que o senhor viajou para fora do Brasil foi pela FEB (Força Expedicionária Brasileira)?

CF. Exato. Com a FEB, fui para a Itália e comecei a ver o mundo. E como o mundo europeu se destruiu, a Itália, a Alemanha, a França! E diante de tudo aquilo, vi que o Brasil estava numa posição de vanguarda, era um País que funcionava. Quer dizer, comecei a formar uma opinião positiva, quase utopista, do Brasil. No fim dos anos 1940, quando fui fazer o doutoramento em Paris e viajei pela Europa, comecei a imaginar que aqui se podiam fazer coisas, comecei a mudar minha ideia do Brasil, a acreditar no País. Depois fui trabalhar na América Latina e fui vendo que nós tínhamos resolvido muitos dos problemas que outros países ainda estavam por resolver. Havia aqui coisas importantes que outros países não tinham. Comecei a admirar a cultura brasileira, o ser brasileiro. Mas, de fato, na fase anterior eu tinha uma visão pessimista do Brasil.

EK. O senhor frequentou ambientes sofisticados em universidades, governos, em países ricos, desenvolvidos. Nunca se sentiu constrangido pensando: “eu sou um brasileirinho, será que tenho condições de dialogar com essas pessoas, com essas instituições?” Isso nunca lhe ocorreu?

CF. Bem, quando fui frequentar essas reuniões já eram os anos 1950, eu já era alguém equipado, tinha uma consciência crítica de tudo, já conhecia o lado positivo e negativo das coisas, então tentava dar a volta por cima, como você diz. Eu me lembro de que quando estava em Cambridge, fui convidado para aquela primeira reunião de economistas do Leste e do Oeste, que a Unesco organizou, com as grandes figuras, e me puseram para representar os países de Terceiro Mundo. Nos anos 1950 comecei a viajar pelos Estados Unidos e a ver também as diferenças entre Brasil e Estados Unidos. Ainda sou de uma época em que nos Estados Unidos o negro não podia se sentar num banco, entrar no ônibus, e se

entrasse sentava-se no fundo. E aí comecei a ver o lado positivo do Brasil, a comunicação fácil, um outro tipo de preconceito de raça, mas menos desumano. E comecei a abrir os olhos para muita coisa e fui ficando com uma espécie de orgulho porque o Brasil começou a aparecer como um País significativo em escala mundial.

EK. Uma coisa particularmente reveladora é que Roberto Campos batalhou a favor da Cepal nos anos 1950, algo que hoje surpreende muito, não?

CF. Campos desempenhou na época um papel muito importante nas Nações Unidas, já que ele foi daquele primeiro grupo de diplomatas brasileiros da ONU. As Nações Unidas se constituíram em uma espécie de ágora, um lugar em que os diplomatas se conheciam uns aos outros. Não era como estar dentro de uma embaixada trancado, você tinha o mundo inteiro ali, o que foi uma experiência extraordinária para os diplomatas da época. E então, essa geração brasileira começou a descobrir que o Brasil tinha peso. Lembro de um dia Jânio Quadros dizer: “basta olhar o mapa e você vê o que é o Brasil”. O fato é que o Brasil é grande, tem uma população enorme, e internacionalmente sempre teve peso, embora aqui dentro nós não tenhamos consciência disso. Os diplomatas que viviam trancados numa embaixada também não tinham muita percepção disso, já os que viviam naquele circuito de combinações, relações, trocas de experiência, tinham. Essa geração de diplomatas brasileiros foi a primeira que acreditou no Brasil, e se opunha ao pessoal do Itamaraty que acreditava, mas não tanto, sempre dizendo: “o Brasil está pobre, precisando de apoio externo”.

EK. Voltando à questão de ser brasileiro, inversamente – quer dizer, da parte dos outros –, o senhor se recorda de ter sentido algum tratamento diferente?

CF. O que eu estava dizendo há pouco, no sentido de que ia descobrindo o atraso do Brasil, responde a essa pergunta. A pobreza no Brasil, que eu estava descobrindo no início da Cepal, chocava-me, mas não parecia surpreender de forma especial a meus colegas. Só então me dei conta de quão pobre era a imagem do meu País no exterior. Eu ia pensando: como pode o Brasil ser tão atrasado? Os argentinos tinham um desprezo imenso pelo Brasil, essa raça inferior. Os mexicanos tinham um pouco de complexo por causa dos americanos, mas se refugiavam no seu passado cultural e nos olhavam de cima. Ou seja, era dentro da própria América Latina que havia más opiniões sobre o Brasil, que estava tão baixo na questão econômica. Isso nos anos 1947, 1948. Dez anos depois, já tinha havido um salto imenso. O Brasil tinha crescido, seu passado

atrasado estava longe, sem falar no dinamismo demográfico. O País chegava aos anos 1960 com 70 milhões de habitantes.

EK. O senhor estava falando da questão da raça. O fato de o Brasil ser um país multirracial ajuda ou atrapalha? Não é mais complicada a engenharia social aí?

CF. Hoje em dia não ajuda nem atrapalha. O que conta é o aspecto cultural. Parte do que se passa no Brasil deriva de que os aspectos negativos da questão racial vêm da herança cultural, do fato de que a camada cultural mais baixa acumula atraso. O sistema é concentrador também de cultura, não somente de renda. A camada cultural da população mais inculta, analfabeta, se distancia cada vez mais das outras. Então, há um permanente distanciamento entre as camadas que acumularam algum capital intelectual – grande ou não –, que tiveram uma boa escolarização, e as outras. É impressionante como se dá pouca atenção a isso no Brasil. Pelo contrário, se procura ocultar. Nesse livro de memórias que publiquei recentemente, *Os ares do mundo*, conto o que aconteceu quando me censuraram por um ensaio que escrevi para um jornal mostrando como o problema dos negros ia se agravar pela concentração de renda no Brasil. O capital que se investe na pessoa humana é o mais importante.

EK. Eu estive há algum tempo atrás na África do Sul e encontrei um cidadão branco que trabalhava junto à população negra, no treinamento de mão de obra. Ele dizia: “veja como são as pessoas, o negro trabalha na casa dos brancos e eles sequer sabem o nome dele, não sabem sequer como os negros se transportam”. E ao ouvir aquilo pensei que no meu país não é diferente, o mesmo se passa com a empregada doméstica que trabalha na casa dos mais ricos. Frequentemente os patrões também não sabem qual é o sobrenome dela, não sabem onde ela mora, têm apenas uma ideia vaga, não sabem como é viajar em trem do subúrbio, pegar dois ônibus, três ônibus. Se eu lhe dissesse que a conversa da África do Sul é a mesma de uma parte dos brasileiros o senhor não acharia exagero – ou acharia?

CF. Acharia, porque acontece o seguinte: quando há uma distância social grande entre as pessoas, isso tende a ser cumulativo, tende a se agravar. Não é algo que seja reversível, pelo contrário. Mas no Brasil as relações humanas são mais fáceis do que em muitos países em que há uma diferença cultural grande. Na África do Sul o problema é mais racial, menos cultural. Aqui a dona da casa pode fazer uma macumbazinha, pode se misturar um pouco no carnaval, pois uma grande parte do domínio cultural é comum, e as relações transitam por aí.

A diferença maior é econômica. Em outros países a diferença cultural é terrível. No nosso caso tenho impressão de que o grave é que o sistema econômico tende a concentrar renda, então aumentam essas distâncias, sim. E tem a dimensão cultural também.

EK. A quantidade pode acabar provocando uma diferença de qualidade.

CF. Mas aí não é só a quantidade de negros, pois a empregada branca também pertence à classe inferior.

EK. Também existem coisas mais específicas em que se nota a questão do preconceito. Por exemplo, o fato de que raramente no Brasil oferecem um emprego de garçom ou de caixa de banco – profissões expostas ao público – a negros. A intervenção legislativa que acompanhou a luta dos negros nos Estados Unidos obrigou essa coisa a acabar. No Brasil, como não há nenhuma interferência governamental nesse sentido, essas coisas tendem a se perpetuar. E as pessoas nem notam. É preciso alguém chamar a atenção para esse problema.

CF. É, mas o mais grave é que se o sistema econômico – que é mais impessoal – opera no sentido de concentrar renda, o grupo de baixo, que é mais negro do que branco, vai se distanciando. O problema cultural existe, mas se os negros tivessem alguma mobilidade social, se fossem às mesmas escolas que os brancos, se acumulassem o capital humano como o dos brancos, aí a diferença iria desaparecendo, porque no Brasil não há, como nos Estados Unidos, um preconceito tão profundo com relação ao negro e muito menos ao mestiço. A única coisa positiva no Brasil é que a mobilidade social favorece o mestiço, se ele tiver uma educação adequada, for bem educado, “doutor”, ninguém presta atenção, ninguém se preocupa. Pouca gente percebe essa questão de que a concentração de renda no Brasil agrava o problema social, porque a camada pobre é mais negra ou mestiça do que branca. Ou seja, no segmento de renda inferior, que representa mais da metade da população brasileira, o conteúdo de negros ou mestiços é maior do que no resto da população, e como ela vai se distanciando, vai se distanciando também o negro do branco.

EK. E essa história de separatismo existiria horizontalmente? Porque estamos falando no prisma vertical.

CF. Bem, isso é outra coisa. O separatismo existe em qualquer parte do mundo. Em qualquer parte do mundo existe patriotismo, em certas circunstâncias. Se há um interesse material em jogo, isso piora. Na França, por exemplo, quando a economia está crescendo não há esse problema,

estrangeiro e nacional são iguais. Mas quando você vê o estrangeiro com emprego e você não tem o seu, vem a raiva: “meu filho não consegue se empregar e este cara estrangeiro aí no lugar dele”. E o chauvinismo se agrava. Se no Brasil a situação econômica se agravar teremos algo semelhante. Veja que no sul as cidades pequenas não querem deixar que os estrangeiros e forasteiros apareçam. E, olhando bem, verá que são os nordestinos que estão “empurrando a porta”. O verdadeiro problema do Brasil é o da concentração de renda e do enfraquecimento da taxa de crescimento. Porque o Brasil não pode viver bem sem crescer, quando nada por causa do crescimento natural da população.

EK. Mas a inflação também tem um grande papel no sentido de ter nos desnordeado, não tem?

CF. É porque a inflação agrava todos os problemas econômicos. Se o Brasil para de crescer tudo se agrava, porque as desigualdades aumentam. Nestes últimos dez anos, nestes anos 1980, o único segmento que cresceu foi o das finanças. Mesmo numa crise grave como essa os mais ricos estão ficando cada vez mais ricos. Por isso é que se o Brasil ficar parado vai se concentrar ainda mais a renda, vão aumentar as desigualdades sociais, a mobilidade social ficará mais difícil. Mais que muitos outros, este País precisa crescer economicamente. Quando o Brasil estava crescendo bem até se conseguiu reduzir a distância entre o Nordeste e o Sul, foi um alívio tremendo. Hoje em dia isso parou, então todos os problemas se agravam.

EK. Vamos combinar, amanhã dá para voltar para terminarmos essa conversa?

CF. Dá. De uma forma mais ordenada, não é?

EK. O que eu gostaria de detalhar mais são períodos históricos específicos, principalmente os que o senhor viveu. E explorar essa questão da confiança.

[...]CF. No processo de industrialização, o Brasil tinha acumulado muito atraso, era um País muito à margem das coisas. Foi o que constatei, já no fim dos anos 1940, quando comecei a trabalhar com os países da América Latina. A industrialização não era fácil. Eu me recordo de uma conversa que tive com Macedo Soares. Ele me dizia que para construir Volta Redonda foi tudo muito difícil, pois conseguir equipamentos antes da guerra não era fácil. Os Estados Unidos tiveram sua indústria, em grande parte, devido à mão de obra especializada que importavam, cooptando trabalhadores.

EK. A imigração lá também foi outra história.

CF. Exato. Sabe que era proibida a emigração de mão de obra especializada até mesmo na Inglaterra? A história da industrialização americana está cheia de casos assim, de um fulano que conseguiu fugir, escapar da Inglaterra, levando o conhecimento, e com isso criava uma nova empresa. A indústria americana era muito artesanal no começo. O processo de tecnologia foi feito um pouco à socapa, escondido. Mas houve um processo de abertura enorme, durante a Segunda Guerra Mundial, e aí o Brasil entrou e cresceu rapidamente, atraindo capitais.

EK. Tenho a impressão, no meu pressuposto de que este é um país em que a esperança é extremamente forte na mentalidade nacional, de que dadas essas condições é que se forjou tal mentalidade. Eu nasci assim, me eduquei assim, com essa coisa de que este é um país que cresce muito, vai dar certo, Deus é brasileiro. Ou seja, havia uma certa convicção de que nem precisava muito esforço, as coisas iam por si mesmas melhorar.

CF. Mas, veja, isso foi um período. Eu me recordo de ver na literatura americana os americanos impressionados com o pessimismo brasileiro, um País com tantas possibilidades! Houve um período extraordinário, o começo dos anos 1930, em que o Brasil conseguiu se levantar da crise de 1929, mostrou uma taxa de crescimento bastante alta, um aumento de seus investimentos, embora os recursos fossem difíceis. Importavam-se equipamentos de segunda mão. As primeiras indústrias de cimento do Brasil foram com equipamentos importados de segunda mão. A produção de cimento do Brasil era a metade daquela da Argentina, mas o esforço que se fez foi grande. Neste País houve uma classe industrial de verdade, que contribuiu consideravelmente para o País avançar. Foi a geração de Roberto Simonsen. Havia um tipo de gente nos Estados Unidos que não acreditava no Brasil. Você é de uma época em que se acredita. Eu presenciei a mudança. Pude ver como este País se levantou sozinho, nos anos 1930, até que finalmente deu o salto. Este País, que tinha tanto atraso, acabou ficando entre os dez mais industrializados da América Latina.

EK. É impressionante a velocidade disso. Não tinha consciência do quanto de atraso havia. Em 1957 a situação, pelo menos quanto à América Latina, já tinha sido revertida.

CF. Quando fiz esses estudos, eu tinha também as estatísticas de antes da guerra. Os dados com que estávamos trabalhando eram mais concretos, mas ainda limitados. Mostravam que o Brasil ainda estava muito atrasado dentro da

América Latina. Em dez anos haverá um salto enorme, vamos ultrapassar os outros, o que é impressionante. E durante três decênios o País apresentará uma taxa de crescimento que atualmente só é ultrapassada pela China. Isso foi possível porque o País tem grande potencial e um Estado que assume responsabilidades. O segundo ponto fundamental é insistir na questão do Nordeste. Estou convencido – e foi uma das coisas a que me dediquei na vida – de que essa questão é essencial, pois se você permite que operem apenas as forças do mercado a situação tende a se agravar. Ela vinha se agravando quando idealizei a Sudene.

EK. E hoje estamos novamente numa fase de agravamento?

CF. Novamente. A Sudene ainda existe, mas não tem mais recursos.

EK. E não tem mais a vontade política.

CF. Não tem vontade política e não tem nem sequer recursos, porque se antes se investia no Nordeste era em razão dos incentivos fiscais das empresas do Sul, que percebiam a vantagem de se investir no Nordeste. Se a economia para, as desigualdades sociais e regionais se agravam, quer dizer, pioram as duas desigualdades que marcam no Brasil.

EK. E certamente elas caminham juntas porque as migrações provocadas pelas desigualdades regionais agravam as desigualdades sociais.

CF. Exato. Perdemos dez anos, durante os quais todos os problemas se agravaram seriamente. Os sociais, com a concentração de renda, os regionais, com a desigualdade regional. Se contarmos mais dez anos em cima disso, vai ser muito grave. Há agora o desejo de receber capital estrangeiro para que o Nordeste, com a mão de obra barata, se especialize em linhas de exportação, como o Sudeste da Ásia. Se saírem nessa direção, o corporativismo do Sul também vai operar. Mas o Brasil não é uma constelação de países, é uma nação com uma história própria, é uma nação com base real no século XVI. Depois do século XIX, ela se ampliou, se modificou, enriqueceu, mas as populações concentradas em certas áreas empobreceram. Contudo, a melhora do País se manteve e é difícil encontrar outro que tenha essa nossa homogeneidade de língua, cultura. E temos também instituições com tradição em defesa, como o exército que protegeu fronteiras vazias, legitimado pela ideia de que, no século XIX, o País era frágil.

EK. Hoje parece haver uma síndrome muito grande no sentido de o Brasil falar mal de si mesmo.

CF. Voltando ao que era. Até os anos 1920 era corrente falar-se mal do Brasil no Brasil. É curioso. O País tinha um complexo de inferioridade e alegava ter sido colonizado pelos portugueses, que eram apresentados como o povo mais atrasado da Europa. Mas após a Segunda Guerra Mundial se superou isso completamente e nasceu quase que um orgulho de ser brasileiro.

EK. Hoje em dia costuma-se dizer: “ah, o Brasil é assim mesmo”, ou outras expressões que qualquer homem da rua usa. É paradoxal, não é?, pois ao mesmo tempo que o Brasil teve esse desenvolvimento, teve também essa autoflagelação muito acentuada. Separei alguns pontos tirados de seu livro. Este aqui, em que o senhor escreve que Eugenio Gudín tinha um “fino ceticismo que se prolongava em pessimismo quando se tratava de observar a realidade econômica brasileira, como se tivesse dúvidas profundas sobre a firmeza de caráter da gente deste País.” Isso é muito impressionante, quer dizer que havia uma desconfiança com relação ao homem brasileiro.

CF. Ao povo brasileiro. Em Gudín isso se fundava numa desconfiança, primeiramente, com o clima, depois, com a raça. Ele é um homem do século XIX. Quando ia para a prática, deparava-se com coisas diferentes, pois havia muitas coisas positivas, mas quando pensava no Brasil tinha essas ideias de que o País estava condenado a viver da agricultura.

EK. Aqui há outra observação sobre o que o Roberto Campos pensava da Petrobras. O argumento dele não é contra ou a favor da estatização, mas “o problema é que nós não temos capacidade para instalar e dirigir essa indústria”.

CF. Soube que, quando publiquei o livro, ele comentou com alguém: “O que o Celso disse é correto”. Ele de fato não acreditava que o Brasil fosse capaz de fazer uma grande empresa como seria a Petrobras, para competir com os gigantes do mundo. E essa descrença na capacidade do Brasil era difundida. No passado se dizia: “o Brasil não tem garra”, “não tem vontade”, e se atribuía isso à mestiçagem. Lembro-me de que quando o Brasil ganhou o primeiro campeonato mundial de futebol tinha gente que falava em milagre. A Copa de 58 serviu para que muitos adquirissem confiança.

EK. Hoje voltamos a não ter confiança, por outras razões: não mais a questão da mestiçagem mas a questão da desonestidade.

CF. Exato. Mas convém que se diga que muitos de minha geração se revoltaram contra a visão pessimista de Gudín e de Campos. Eu fui, provavelmente, o primeiro economista que fez uma medição de produto nacional

do Brasil, quando eu estava fora do País. A Fundação Getúlio Vargas vivia tentando uma medição da renda nacional, mas as estatísticas eram insuficientes para se medir. Eu me lembro que, falando com Richard Lewinsohn, da Fundação Getúlio Vargas, ele me dizia: “Celso, nós vamos medir, e de todas as formas”. Ele queria medir a renda nacional por meio da arrecadação dos impostos – imposto de vendas e consignações – que eram uma indicação indireta. Quando cheguei a Santiago, conversando com Prebisch vi que se podia tentar medir a produção de bens e não a renda, nem o produto. Porque para o produto precisaríamos medir todas as atividades econômicas. Foi Prebisch quem inventou esse conceito de disponibilidade de bens: formação de capital, produção de cimento, produção de aço, alguns manufaturados. E assim fomos medindo, medindo, e chegamos a uma primeira medição de produto nacional. Para o produto mesmo, se fazia no âmbito do censo, para se ver se o produto crescia ou não crescia, e se podia fazer por esse fluxo de bens de exportação e importação.

EK. Esse foi o critério usado?

CF. Foi o critério usado. Se você pegar o trabalho da Cepal de 1948, 1949, ali se diz que medimos bens e serviços. E então começamos a ver que o Brasil tinha a economia mais dinâmica da América Latina. Ou seja, alguma coisa estava se passando ali. No início dos anos 1950, o Brasil tinha realmente embarcado no caminho da industrialização, tinha dado um salto enorme. Durante a crise dos anos 1930 cortou-se pela metade as importações e então este País inventou todo tipo de técnicas e de indústrias; depois importou equipamentos de segunda mão, dos americanos, dos cubanos. E surgiu essa onda de confiança, de fé no Brasil. A verdade é que quem mais acreditava no Brasil era a gente de esquerda, mas essas pessoas não acreditavam no governo, e portanto ficavam num imobilismo completo, não participavam de nada: “não me meto com isso”, “não me envolvo nisso”. Em meu livro *A fantasia organizada* eu conto, até de propósito, a discussão que nos anos 1940 tive com um grupo ligado ao partido comunista, com quem eu ia para um concerto em Niterói. Eles diziam: “não confio nesse governo”, e Arnaldo Estrela, em particular, me interpelava por eu acreditar nas estatísticas oficiais, que seriam preparadas para enganar o povo. Portanto, se caía na ideia de Gudin, de que “este país não leva a nada”, ou se caía na esquerda, que acreditava que o governo não conseguia fazer nada. E então se ficava de braços cruzados. Eu achava isso horrível, e foi o que me induziu a sair do Brasil.

EK. Eu queria tratar agora de alguns períodos específicos. Em *A fantasia organizada* o senhor escreve que, ao voltar da Itália, em meados de 1945, “a sociedade brasileira estava possuída de grande elã, como se um futuro pleno de promessas riosas se houvesse descortinado.” Isso em 1945. Em 1948, as ilusões sobre a rápida reconstrução da economia haviam se dissipado, “predominava o sentimento de que nada havia a fazer, tudo dependendo da evolução internacional, vale dizer, da confrontação das duas grandes potências. A Guerra Fria penetrava nos espíritos como um veneno paralisante”. Como explicar que isto tudo tenha se dado em tão pouco tempo?

CF. Primeiro houve a questão da redemocratização. Foi fantástico. Imagine um País que ficara afogado no fascismo por tanto tempo! Com a redemocratização surgiu um grande elã, até porque o País tinha participado da guerra. Mas o fato é que os americanos não deram a menor bola para o Brasil, preocupados que estavam com a Europa e depois com o Japão. A verdade é que em 1948 o País estava em situação muito difícil, tinha gasto – gasto mal – suas reservas congeladas. A elevação dos preços nos Estados Unidos depreciara as reservas em dólares do Brasil, e as libras esterlinas, que eram mais importantes, não serviam para nada, pois estavam congeladas. O País entrou numa fase de dificuldades sérias. O que nos salvou – não enxergamos isso de forma explícita, mas implícita – foi o choque da elevação do preço do café em 1949. Nos anos 1930 o preço do café ficara congelado, miseravelmente baixo, e em dois anos os preços tinham caído de 22,5 centavos para 8 centavos de dólar por libra-peso, o que reduziu brutalmente a capacidade de importação do Brasil. Quando veio a guerra, os americanos administraram os preços do café, do cobre etc., e fixaram em 11 centavos de dólar a libra-peso, o que era um preço muito baixo. O Brasil ainda mantinha seus grandes estoques, mas não havia demanda. A Europa, grande consumidora, não podia importar, pois estava em processo de recuperação. Em 1949 a Europa começa a se recuperar e se evaporam os estoques de café: o Brasil volta à antiga dinâmica do café e o preço dá um salto. Ou seja, por três anos, digamos até 1951, o País pôde voltar a respirar. Houve um aumento de 60% na capacidade de importação, sobretudo de equipamentos, e o Brasil teve o primeiro surto industrial do pós-guerra, feito com esforço próprio. E esse surto interno fez com que os de fora – as empresas internacionais que estavam aqui – passassem a acreditar no País. Para completar o quadro, tenha em conta que o dólar ficou muito barato para o importador, pois

para defender o preço do café o Brasil manteve o dólar baixo. Assim, aumentou a demanda de importação de equipamentos, o Brasil começou a investir, e houve uma melhora sensível em relação à indústria, que se pôs a atrair capital externo.

EK. Esse período está especificamente ligado a uma ressaca das expectativas.

CF. Exato. Saímos da guerra com grande expectativa. É sempre a mesma coisa, a gente sai da ditadura com grandes expectativas, que se gastam em dois ou três anos. E se gastam principalmente porque o grupo de esquerda, que obviamente apostava na liberdade, vê-se acuado num momento em que chega a Guerra Fria. E o sentimento de revolta, de desconforto se manifesta de novo. Mas não se esqueça desse balão de oxigênio que foi a recuperação do café, e que dura três anos.

EK. O engraçado é que no comentário sobre o extravio do livro *Formação econômica do Brasil*, o senhor diz “mais do que dos anos de observação e estudo, aprendi com esse episódio o que é o subdesenvolvimento, essa manifestação de idiotice alastrada no organismo social”. Esse é um momento de grande desilusão.

CF. É, aquilo foi um choque para mim.

EK. Uma violência pessoal. E o curioso é que foi na democracia.

CF. Em outra época, tive acesso aos arquivos do Conselho de Segurança Nacional. Não sei se você já passou por isso. É um choque. O meu foi quando vi que tinham contra mim as acusações mais graves. Queriam me investigar, mas o fato é que eu não era uma pessoa fácil de ser “controlada”, porque morava fora. Tinha feito um curso de marxismo no Instituto de Ciências Políticas em Paris e essas coisas assustavam os militares. Então, quando o pessoal se voltava contra mim por outras razões tinha sempre um que dizia: “pergunte se ele fez curso de marxismo”.

EK. Mas tinham raiva por quê?

CF. Tinham raiva porque eu era considerado uma das pessoas mais influentes do pensamento de esquerda. Havia uma campanha tremenda contra uma pessoa que era considerada nacionalista, como eu era. Sempre defendi a indústria do petróleo no Brasil, sempre fui a favor da industrialização, certo de que ou nos industrializávamos ou permanecíamos um País de segunda classe. Gudin ou mesmo o professor Jacob Viner, como eu cito no livro, vinham com os argumentos mais falaciosos, do tipo: “se exportar produtos primários é ruim, por que não nos apiedamos de Iowa? Ou Iowa não é desenvolvida?”. Ora, Iowa não

é um país, é uma região em um país rico. Tínhamos de promover a industrialização, encontrar o caminho. Se eu tivesse o pensamento de Gudin, que alegava obstáculos como a raça, o clima, talvez tivesse cruzado os braços, porque mudar o clima não está ao alcance do homem. Mas minha visão era histórica, eu sabia que o atraso do Brasil era uma questão histórica, que, portanto, se podia mudar.

EK. Havia dificuldades, preconceitos, mas era uma época extremamente fértil no campo da discussão. Via-se o mundo com mais clareza do que se vê hoje?

CF. Tínhamos uma fé demasiadamente grande. Achávamos que o crescimento, o desenvolvimento da economia era uma condição fundamental, e que resolvendo isso seria muito mais fácil resolver os outros problemas. Não havia exemplos de países que tivessem se desenvolvido industrialmente e não tivessem superado os outros obstáculos. Hoje em dia é diferente, pois não é a industrialização que se difunde mundo afora, ao contrário, a industrialização hoje gera muito pouco emprego. Então tem que se buscar outra forma de desenvolvimento. Mas naquela época, quem tinha ideias avançadas não era sequer visto como brasileiro, esse era o pensamento da classe dominante da época: manter o *status quo*.

EK. O grande salto que eu pude ver aqui foi, evidentemente, o de Juscelino, em 1958. O senhor diz: “o Brasil que encontrei ao regressar da Europa em agosto de 1958 era um país em extraordinária efervescência [...], com uma enorme vaga de confiança. A ideia antiga de que algo está errado com o Brasil e de que isso se deve à omissão do governo arrefeceu com a construção de Brasília. [...] O problema não era abordado desse ângulo – indisponibilidade de recursos financeiros, pressão sobre balança de pagamentos. Tratava-se de aceitar ou não o ‘desafio’ de mudar o destino do Brasil, abrindo-lhe novos horizontes”. Isso é extraordinário, essa noção de que se tratava de mudar o destino do país, acho que é inédito na história do Brasil, não se repetiu.

CF. Para mim o Brasil nessa época eram Villa-Lobos, Guimarães Rosa, Oscar Niemeyer, Glauber Rocha. Eu os conheci pessoalmente, eram gênios indiscutíveis que representavam a cultura nacional. Poderia citar mais alguns, que davam a impressão de que o Brasil produzia gênios autênticos. Eu vivia no estrangeiro, e quando citavam lá fora um homem como Villa-Lobos, todo mundo tirava o chapéu. Ele era considerado, como Bartok, um dos poucos

gênios do século XX. Havia esse elã, essa confiança enorme no País. Juscelino, que era uma mistura de tcheco com brasileiro, contribuiu muito para a boa imagem do Brasil.

EK. Hoje o julgamento que faz de Juscelino é inteiramente favorável ou o senhor tem alguma restrição? O negócio de Brasília...

CF. As consequências negativas de Brasília... O Brasil não era só Juscelino, bastou que ele saísse e surgiu o Brasil real, mais pessimista. Os aspectos negativos da nova capital se fizeram sentir rapidamente. O lado negativo de Juscelino é que ele quis fazer Brasília na carreira, às caneladas, como disse numa reunião. Ele às vezes marcava reunião para de manhã bem cedo, passava a mão ao telefone e perguntava: “o que vocês estão fazendo aí? Dormindo?”. Era um trator.

EK. O senhor disse que ele não era muito brasileiro.

CF. Não era um típico brasileiro.

EK. Outra coisa que chama muita atenção na sua descrição de Juscelino é que ele era decidido. Nós vemos hoje nossos dirigentes tão débeis em tomar atitudes! E ele não era assim, era de uma rapidez, de uma firmeza!

CF. Ele era brasileiro e mineiro. Mineiro tem fama de precavido, de se cobrir de todos os lados. Mas Juscelino não tinha muito esse lado, e não se parecia com o brasileiro típico. Era um homem excepcional. Fez coisas positivas e fez também coisas que tiveram consequências negativas, avançou em muita coisa, mas deixou muita coisa desajustada. No governo seguinte, o de Jânio Quadros, o País estava muito desajustado.

EK. O senhor diz do ponto de vista financeiro?

CF. Exato. Construir uma capital do tamanho de Brasília a mil quilômetros da civilização, em um País sem estruturas, fez com que todos os recursos fossem desviados para lá, e o resto do País ficou abandonado, com consequências negativas enormes. Mas agora é difícil julgá-lo, porque Juscelino deu um solavanco tremendo com Brasília, e ao mesmo tempo desajustou o Brasil. Posteriormente foi preciso todo um processo de acomodação de forças, de estruturas, um *rafistolage*. Minha impressão é que o golpe militar nasceu ali, quando houve desajustamentos tremendos nas classes dirigentes, as pressões sociais começaram a se manifestar brutalmente, a inflação começou a fugir dos parâmetros que se conheciam.

EK. O senhor conviveu com Juscelino depois que ele saiu do governo. Em algum momento ele se mostrou crítico com relação à sua obra?

CF. Nunca, pelo contrário, estava sempre reforçando seus pontos de vista anteriores. Evidente que se você fosse conversar, ele diria: “vamos adiante, temos que repensar muita coisa, Celso”. Ele me procurava muito, nos Estados Unidos foi conversar comigo, estava pensando em assumir novamente, queria retomar as coisas. Encontrei-o em Paris também. Não tinha consciência da gravidade da situação no Brasil, acho que quase ninguém tinha naquela época da construção de Brasília. Brasília se fez à matroca. O fato é que para modificar a aplicação de recursos naquela escala, como se o País estivesse na guerra, teria que se reformular tudo depois. Foi o que os militares fizeram, com a ideia de pôr o País para funcionar novamente, agora rebaixando os salários brutalmente e criando miséria.

EK. O senhor foi encarregado de um dos setores estratégicos daquele momento, com o programa Nordeste. Isso criou uma grande reação das oligarquias nordestinas, que o acusaram de comunista. O senhor traz no livro *A fantasia desfeita* uma citação do senador Argemiro de Figueiredo, chamando-o de “astuto economista empenhado em bolchevizar o Nordeste”. Aliás, tinha a história de que em Campina Grande ele recebeu uma casa de presente, o que foi extraordinário. Mas, ao mesmo tempo que havia esses dissabores, e que o senhor causava toda essa reação, o senhor observa que “todos no Conselho Deliberativo, quando completamos o trabalho [o I Plano Diretor], estávamos cheios de alegria. Tínhamos o sentimento de haver dado um passo firme na caminhada que levaria a mudar o curso da história na região. Pensávamos: dez anos de esforços, com a intensidade prevista no Plano Diretor, e o novo Nordeste estará vindo a superfície.”

CF. O entusiasmo estava nas ruas. Argemiro de Figueiredo não pôde desembarcar no Recife, fizeram um comício contra ele. Houve uma mobilização popular muito grande. É que se juntaram muitas circunstâncias. Havia todo um movimento de esquerda que andava atrás de uma bandeira, e o que era essa bandeira? Era uma doutrina vaga, distante, que muitos nem sabiam o que era. Então, quando puderam empunhar uma bandeira concreta, real, assim como tinham empunhado a do petróleo, da criação da Petrobras, trabalharam muito bem. E empunharam a bandeira da Sudene para me ajudar. Curioso, a opinião pública nordestina jovem, da esquerda progressista, era toda do nosso lado. Já os mais velhos estavam contra mim, me chamavam de “O homem de Wall Street”. Você pode imaginar? Ao mesmo tempo, todos os governadores estavam

conosco, nenhum se atreveria a não estar. Criou-se um espírito de entusiasmo tal, que estava a nosso alcance dar o melhor ao Nordeste. A isso se juntou o fato de que havia nos Estados Unidos muito medo do castrismo.

EK. Se bem que a política da Aliança para o Progresso fosse meio ambígua, conforme transparece.

CF. E fica mais ambígua depois. Naquele começo todo mundo sensato dizia: esse pessoal que está com o Celso é uma alternativa honesta. Foi por isso que John Kennedy aceitou me receber, na Casa Branca, porque nos Estados Unidos havia muita gente interessada em que houvesse uma mudança no Brasil, e uma mudança feita por gente progressista e não pela direita. Isso entusiasmou os *frontier men*.

EK. Serviu inclusive para neutralizar a direita nesse período.

CF. Naturalmente. E foi preciso que viesse Jango, com sua inépcia, para levar o Brasil à situação que levou. Claro que os problemas vinham de antes, com todos os desequilíbrios deixados por Juscelino.

EK. Engraçado que o senhor sustenta uma audaciosa tese de que Jânio se suicidou politicamente. Mas sua tese sobre Jango é essa de que ele chamou o golpe, de que essa era uma saída que ele aventava.

CF. Porque ele não via outra saída senão Lacerda. Como eu conto no livro, uma vez lhe perguntei: “o senhor está preparado para entregar o governo a Lacerda?”. E ele ficou meio assim e disse: “Não, Celso, esse aí é o assassino do doutor Getúlio”. E abriu o jogo e me disse que não estava preparado para entregar o governo a Lacerda. A meu ver, quando viu que o perigo que Lacerda representava era crescente, preferiu uma saída não ortodoxa, como em 1945. Mas a história tinha mudado muito, o mundo era outro, os americanos eram outros.

EK. Agora vem a fase da ditadura, fase de desânimo, evidentemente, e aqui em *Os ares do mundo* tem um trecho interessante: “Não achava eu propriamente que constituíssemos uma ‘geração perdida’, e tampouco admitia que nossos esforços houvessem sido inteiramente inúteis. Algo sobraria de significativo do que havíamos feito. Mas como desconhecer que a nossa geração logo seria visto como superada? Nossa esperança de que o quadro da dependência que nos constrangia pudesse ser rompido, o que havia ocorrido no caso do Japão no curso de uma geração, de que nosso desenvolvimento viesse a ser mais e mais fruto de decisões internas, de que nossa política daria prioridade ao social, de que escaparíamos da armadilha do subdesenvolvimento sem exigir da população

pobre sacrifícios adicionais – nossa esperança seria agora vista como devaneio idealista, hipótese sem substância, doutrina anacrônica.”

CF. Isso decorria de que, quando recomecei a vir ao Brasil, passados uns anos no exílio, encontrei o mundo universitário dominado pela própria crise, até porque nas universidades brasileiras todo o pensamento tinha origem nas universidades americanas, correspondia mais ou menos à linha do Fundo Monetário Internacional. E isso me chocou muito. Eu tinha passado muitos anos sem vir ao Brasil, e quando vim foi o que encontrei.

EK. Hoje não vemos essas paixões, enfim, não vemos o acirramento da luta ideológica que havia naquela época. Mas o senhor não concordaria que houve certas linhas gerais mantidas, e que o planejamento, a industrialização foram em frente? Contribuíram para que o País fosse em frente?

CF. É evidente que, se olhando de fora, intensificar o crescimento era importante. Mas se você intensificava o crescimento em prejuízo do desenvolvimento político e social do País, como aconteceu, iria criar problemas para o futuro, porque não há nada mais difícil do que o desenvolvimento político e social. Pode-se conseguir o desenvolvimento econômico com abrangência, mas a verdade verdadeira é que um País é uma cultura, uma civilização, e é, portanto, uma sociedade. O difícil desenvolvimento é o político e o social, e foi isso que eu percebi que tinha desaparecido, porque toda a *intelligentzia* estava voltada para a economia, os economistas mais competentes, das gerações mais novas, toda essa gente estava pensando como se o Brasil fosse um País em que a política não interessa, o que interessa é a gerência das coisas, é ser eficiente. Não havia sensibilidade nenhuma para os problemas sociais, e eu estava vendo que a situação social no Brasil ia mal, os problemas estavam se acumulando em outras áreas. Era a percepção de que o Brasil estava pagando um preço enorme, e eu não estava nem sequer considerando a acumulação da dívida. Eu já tinha escrito sobre isso, mas ali estava, principalmente, preocupado com o atraso social, com o Nordeste, que tinha uma situação anacrônica, estava parado no tempo.

EK. No mesmo período o senhor faz outra observação muito interessante: “minhas longas conversas com José Medina Echevarría contribuíram para moderar meu otimismo congênito”, O otimismo congênito já é curioso, já é sintomático, não é? O senhor escreve também: “Havíamos sido incorporados ao processo de globalização da história aos empurrões e perdêramos a inocência dos

que são protegidos pela ignorância. Ora, quem supera a ignorância ganha graus de liberdade. O aprendizado podia ser longo mas, cedo ou tarde, uma nova geração terá de perceber que o Brasil fora arrastado a uma guerra errada”. Essa percepção de guerra errada é que eu acho que é a chave dessa história toda.

CF. A guerra a que eu estava me referindo era a Guerra Fria. O Brasil entrou com os americanos na Segunda Guerra Mundial, portanto tivemos de ir depois para a Guerra Fria. Eu sabia que era uma farsa, que essa guerra não existia, que decorria da burrice da União Soviética e dos Estados Unidos, da inépcia completa deles. Mas foi um grande negócio para muita gente nos Estados Unidos.

EK. Eu acho que ainda hoje não se digeriu isso, não se fez uma reflexão sobre o que foi a Guerra Fria e, portanto, sobre as consequências de seu fim. Isso incrementa nossa confusão.

CF. Nos Estados Unidos já se pensou um pouco nisso, em como essa guerra danificou o país, deformou sua economia, porque todo o seu desenvolvimento passou a ser condicionado por essa competição internacional, que era uma falsa competição, e por isso eles foram acumulando atraso em muitas áreas e se acostumando a um mundo em que mandavam e os outros obedeciam, ou faziam de conta que obedeciam. E quando os americanos abriram os olhos, os japoneses, os europeus já estavam longe.

EK. Talvez isso se deva também aos investimentos em defesa.

CF. Exato. Eles só se preocuparam em manter a autoproteção, o que beneficiava um segmento importante da indústria. Mas foram perdendo consciência da dependência em que estavam da poupança externa. Faz mais de dez anos que os Estados Unidos vivem se endividando permanentemente, sabendo que emitem a moeda que todo mundo usa. Portanto, podem se endividar. Mas os Estados Unidos são hoje em dia um país deformado gravemente.

EK. De certa forma, também à luz da Guerra Fria pode se compreender, por exemplo, certos processos políticos paralelos, como o italiano, porque foi ela que forjou esse sistema, foi o medo de aceitar o Partido Comunista Italiano que forçou essa estranha aliança na Itália, que ia da máfia ao Vaticano, ao Papa, e explodiu em um escândalo. É consequência da Guerra Fria.

CF. Exato. O mundo se deformou completamente com isso, e dentro deste mundo deformado que lugar é o nosso, se não temos projeto próprio? Tenha em

conta que o Brasil é um País com imensas possibilidades, que vinha crescendo bem, se desenvolvendo, e aí de repente parou e se desviou, estancou todo o desenvolvimento político e social, as instituições, os marcos institucionais, e se transformou em uma velha arregimentação da sociedade, o que, no futuro, só poderia levar ao pior, a um país que foi – e vai – agravando suas desigualdades sociais. Os militares entenderam a coisa do desequilíbrio geográfico interno, compreenderam que o Nordeste devia ter prioridade, mas jamais compreenderam que a pobreza era o maior problema do Brasil.

EK. Outro momento de sua percepção pessoal sobre os acontecimentos ocorridos no Brasil está neste trecho, muito sintomático, quando o senhor chega à Universidade de Yale, em 1965: “a boa verdade é que me sentia exausto e desorientado, como alguém que despertasse de súbito sem o sentido da vista ou da audição. Sem saber bem por quê, desejava isolar-me, poder caminhar dias inteiros sem encontrar um qualquer conhecido. Será que perdera a confiança em minha capacidade de julgar, que começava a descobrir falhas, desacertos no que fizera? Sobretudo, não queria conversar sobre os acontecimentos recentes do Brasil; evitava que me pedissem explicações e odiava a peroração: agora, o que se pode esperar, ou, o que se deve fazer?”

CF. Esse era um quadro diferente, em 1964-1965. Este era o meu estado de espírito, de horror pelo que acontecera no Brasil, porque eu não queria explicitar tudo e ficara muito descontente com atitude de Jango.

EK. Em que momento achou que o Jango tinha desabado? Em que momento deu para perceber o problema da sucessão dele? Mais ou menos em 1963?

CF. Quando ficou claro que Lacerda tinha grandes chances, ele perdeu o rumo. Eu me recordo que coloquei o problema de Juscelino, que ele não apoiava diretamente. Ele não queria correr o risco de ver Lacerda no poder, pois achava que estaria traindo Getúlio se abrisse caminho para ele. E Lacerda estava entrando exatamente porque se colocou na posição oposta à dele, quando começou a surgir o grande movimento contra Jango, como foi aquela marcha em São Paulo.

EK. Eram a marcha, o comício na Central, as rebeliões militares, enfim, dava para prever que o final seria preto.

CF. Era muito claro. Jango provavelmente pensava em 1945, mas eu não, sabia como os militares estavam se preparando para governar o Brasil, estavam querendo um projeto, era visível quando me chamaram para fazer conferências

na Escola Superior de Guerra. A coisa estava por um fio, aquele negócio ia quebrar.

EK. Então parecia também que sua sorte pessoal estava sendo lançada ali.

CF. É, mas o que se podia fazer? O que era certo é que de nenhuma maneira eu iria colaborar com um governo autoritário.

EK. É impressionante que, várias vezes, reiteradamente, o senhor descreve situações em que a sua tese contraria a de interlocutores que diziam: daqui a pouco o governo militar desmorona, não tem sustentação, não tem base popular. E o senhor sempre defendia a tese de que não, de que aquilo vinha para durar muito, daí dizer que ia se preparar para ficar dez, 15 anos fora no Brasil.

CF. É porque eu conhecia a dinâmica histórica do Brasil, o ritmo do processo. Tomar decisões no Brasil não é brincadeira, tendo em vista a fragilidade do País, o sistema de tomada de decisões é muito lento.

EK. Será que isso não prolonga essa nossa dificuldade em achar um caminho depois da ditadura, essa lentidão paquidérmica em que se move o País?

CF. Bem, nós estamos há dois ou três anos parados porque tomamos o caminho errado, tivemos um presidente que não tem partido, que não passou por prova nenhuma, que era capaz de qualquer coisa, e foram três anos, quatro já, de tempo perdido. Tenho consciência de que para colocar o País nos eixos – para conseguir colocar o Brasil no caminho do desenvolvimento – demora muito. No passado, geralmente, quando o País entrava num bom caminho havia um quadro internacional desfavorável. A chegada de Fidel Castro teve consequências sérias na América Latina, aquela pequena ilha abaixo dos Estados Unidos, desafiando os norte-americanos! É o temor de que a União Soviética seria capaz de qualquer coisa! Ao mesmo tempo, aqui, antes de 1964, a gente começava a acreditar no Brasil, nos nossos artistas, nos nossos cientistas, um Leite Lopes, um Lattes. Você me perguntava sobre desenvolvimento econômico, sobre nível de desenvolvimento: pois bem, eu tinha a impressão de que éramos número um mundial. Escrevi um artigo sobre o desenvolvimento, que foi publicado em muitos países, em inglês, e que era a expressão do pensamento ordenado sobre tudo isso.

EK. Jânio Quadros lhe dava uma impressão de desequilíbrio?

CF. De ser desequilibrado, não, dava a impressão de ser, às vezes, um alucinado, um vidente. Era um cara de uma inteligência extraordinária, de muita perspicácia, mas a gente sentia que havia um processo por baixo, por

detrás daquilo tudo, mais profundo, e que se viesse à tona, estourasse... Tínhamos tido o suicídio de Vargas poucos anos antes. Tenha em conta que hoje em dia estamos muito distantes de tudo isso, mas a verdade verdadeira é que havia um profundo conflito ideológico no Brasil baseado na simples ideia de que grande parte da classe dirigente não aceitava a industrialização brasileira. Foi essa gente que fez campanha contra Volta Redonda, e até mesmo contra a hidrelétrica de Paulo Afonso, inclusive o próprio Gudin. É curioso como havia uma forte resistência à mudança no Brasil, à mudança social de qualquer tipo. É como se tudo fosse demasiadamente frágil, como se, tirando uma peça, o País desmantelasse. O que eu pensava, ao sair em 1964, era que não caberia à minha geração fazer algo contra esse desmantelamento, que acabou acontecendo, ela teria cumprido sua missão. Vinte anos depois, quando cheguei de volta, vi uma inteligência nova formada, tecnocrática, um pessoal modernizado, mas sem mais nenhuma ideia de Brasil, dos problemas sociais do País. O Brasil era outro.

EK. Vai ver que é isso. Talvez o senhor esteja fazendo uma relação com este trecho aqui, que é de 1971, quando visita o Brasil: “o ambiente que encontrei no Rio de Janeiro fez-me pensar que o dano causado pela ditadura militar a nosso País ainda era maior do que eu havia suposto. O clima era de neurose coletiva, sendo imprevisível o comportamento de pessoas dos mais diversos tipos. Nas praias e em logradouros públicos, eu encontrava indivíduos que tudo faziam para evitar serem por mim abordados. Referi esse fato a uma pessoa amiga e ela me esclareceu: ‘Não é por maldade, é que temem que você esteja sendo seguido’. Daí, comecei a espreitar para ver se efetivamente era seguido, o que certamente modificou o meu comportamento, afugentando mais ainda as pessoas de mim”.

CF. Quem viveu na insegurança sabe o que é isso, qualquer coisa você já fica neurótico. Foi essa coisa que contei em algum lugar, quando quis tirar documentos.

EK. E o secretário do Itamaraty em Nova York? A Dora Vasconcelos era a cônsul. O senhor não cita o nome dele, mas houve um segundo secretário que lhe disse: “o seu passaporte é só para voltar para o Brasil” e o senhor argumentou: “eu não posso voltar, vou para a França”. E ele rebateu: “guardei para o senhor o passaporte, não o destruí, não.”

CF. Isso mesmo. Para não complicar a vida dele eu não o citei, mas foi feito assim. Ele me protegeu, por conta própria. A Dora fugiu.

EK. O senhor se lembra dele?

CF. Eu me lembro dele, e tenho o nome dele anotado nos meus arquivos, só consultando. Depois, teve também uma carta que recebi dele em Paris, quando me mandou o passaporte.

EK. Foi um belo gesto, não foi?

CF. Sim. Havia sempre alguém que fizesse alguma coisa. Mas é estranho, não é? Porque depois da ditadura o Brasil se modificou e o choque, para mim, quando aqui estive umas poucas vezes, foi muito grande. Havia poucas pessoas interessadas no que realmente importava, no que me interessava. De um lado, havia um pequeno grupo tentando a guerrilha, o que me parecia uma loucura neste País e que não levaria a lugar nenhum. Mas, havia, de outro lado, acomodação e medo, as pessoas estavam instaladas no medo. E eu pensava: isso vai levar a quê? A mais 20 anos de agravamento dos problemas? Era muito triste. Isso tudo me fez pensar que o Brasil já era um outro país.

EK. Eu agradeço muito esse tempo que o senhor me dedicou.

CF. Foi um prazer.